

**EDITORIAL: ESPAÇO-MÍDIA-TEMPO:
DESAFIOS HISTORIOGRÁFICOS CONTEMPORÂNEOS****SPACE-MEDIA-TIME:
CONTEMPORARY HISTORIOGRAPHICAL CHALLENGES**

Bruno Martins ¹
Christina Musse ²
Rachel Bertol ³

29 de maio de 1919. Sobral, interior do Ceará. Astrônomos britânicos e brasileiros participam de uma expedição científica quando observam, por meio de um telescópio, o eclipse solar. O objetivo era obter uma prova fotográfica da teoria da relatividade. O sucesso do experimento de observação ficou registrado em uma fotografia reproduzida por jornais do mundo inteiro, configurando um acontecimento midiático que contribuiu para disseminar uma nova verdade científica e lançar sua nova estrela, o físico alemão Albert Einstein. Desde então, com esta comprovação de especulações teóricas, espaço e tempo não poderiam mais ser compreendidos como categorias absolutas, mas passam a ser pensados solidariamente, ganhando em nossa língua um singelo hífen que revela sua relação de interdependência: espaço-tempo. Hoje, na entrada do Museu do Eclipse em Sobral, encontramos uma estátua de Einstein fundida em bronze, sentado sobre uma pedra, vestido em bermudas e sandálias, onde lemos a seguinte frase: “A questão que minha mente formulou foi respondida pelo radiante céu do Brasil”. Cumpre destacar, para os objetivos deste editorial de introdução ao dossiê “Em busca de um local”, a importância da articulação entre a observação de um fenômeno e sua “prova” fotográfica, assim como do registro fotográfico com sua projeção midiática, pois tais relações implicam a verdade científica tanto ao dispositivo quanto ao acontecimento midiático. E, cumpre ainda afirmar, a um local específico que define o ponto de observação.

É muito difícil mensurar os diversos desdobramentos de uma descoberta capaz de reconceituar categorias tão abrangentes como tempo e espaço, entretanto, desejamos fazer um breve panorama trazendo alguns poucos exemplos que se aproxi-

1 Professor e pesquisador associado no departamento de Comunicação Social da UFMG, bruno.morca@gmail.com <http://lattes.cnpq.br/5373587413061913> <https://orcid.org/0000-0002-1238-3729>

2 Professora titular do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF, cferrazmusse@gmail.com <http://lattes.cnpq.br/5736151077996505>

3 Professora no Departamento de Comunicação Social da UFF e no quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano (PPGMC) da mesma instituição, rachelbertol@gmail.com <http://lattes.cnpq.br/6048950036951543> <https://orcid.org/0000-0001-8411-4002>

mam mais diretamente do campo da comunicação. Não sem debates e resistências, presentes até hoje, grosso modo, as humanidades reagiriam à revelação da qualidade “relativa” do espaço-tempo com a incorporação do pragmatismo da experiência à reflexão sobre a linguagem (Dewey, 1934), sendo sua dimensão dinâmica e processual o que permite cunhar conceitos ambíguos que buscam descrever e apreender seus movimentos e constantes transformações. Dessa forma, para mencionar apenas dois exemplos, emergem noções como a de cronotopo para compreender gêneros discursivos (Bakhtin, 1937) e *transculturação*, descrevendo, desde uma outra perspectiva, as dinâmicas e migrações culturais (Ortiz, 1940; Rama, 2008).

Na segunda metade do século XX, análises de formas discursivas e de suas condições de possibilidade seriam reveladoras de sua qualidade temporal e performativa, reposicionando a linguagem, o discurso e os meios de comunicação para a construção e a percepção desta dobra autorreflexiva (Austin, 1962; Rorty, 1967; Foucault, 1966; Innis, 1951). Ainda hoje, reflexões acadêmicas das mais diversas disciplinas desdobram-se da compreensão de relações espaço-temporais favorecendo, por exemplo, a emergência de uma perspectiva de análise decolonial que subverte supostas ordens e centralidades promovendo deslocamentos que tornaram possíveis elaborações contemporâneas. Como exemplo, a apropriação dos estudos culturais ao modo do *cosmopolitismo do pobre* (Santiago, 2004) ou, mais recentemente, a noção de *futuro ancestral* (Krenak, 2022), conceitos cujas questões políticas são reveladas a partir de disputas espaciais concretas e simbólicas.

Acreditamos ser relevante incrementar a crítica historiográfica contemporânea ao definir os meios de comunicação como objeto, permitindo relacioná-lo de diferentes maneiras a seus supostos fins (Agamben, 1996). Ao ser definida como meio, uma história da mídia pode desautomatizar suposições iluministas e libertárias, ao mesmo tempo em que evita sua centralidade, passando a funcionar como uma espécie de pivô permitindo relacionar presente, passado e futuro. Trata-se de estabelecer um ponto de observação a partir dos meios de comunicação e dispositivos técnicos específicos (Kittler, 1986) com o objetivo de problematizar tanto pressuposições de centralidade quanto de neutralidade, buscando alternativas para repensar as relações entre antigo e novo, passado e presente, entre fenômenos de longa duração e a efemeridade do cotidiano.

Saltamos de uma anedota histórica a um breve panorama histórico-conceitual, com o objetivo de traçar relações por vezes inusitadas entre localidades aparentemente insignificantes e as transformações históricas. Tais relações dependem de uma sensibilidade ao local e aos processos de comunicação que acreditamos serem relevantes aos pesquisadores do campo. Problematizar relações espaço-temporais incluindo a descrição dos meios de comunicação, independentemente da matriz terminológica (o local, o regional, o nacional, o mundial, o territorial, o fronteiro), torna-se relevante em seu contraponto ao cotidiano, ao efêmero, à tradição, ao geracional, ao histórico. Parece-nos ser justamente um viés comunicacional, com ênfase nos meios, nas mediações e nas midiatizações, o que permite realizar tal contraponto, cuja fórmula sintética podemos representar como *espaço-mídia-tempo*. Não se pode ignorar que a mídia apre-

sentada como característica a construção de uma realidade espaço-temporal específica, justamente a partir de uma experiência de deslocamento que remete à linguagem e a outras formas midiáticas, indicando a importância da investigação arqueológica capaz de demonstrar camadas sobrepostas e, dessa forma, explicitar as particularidades que constituem uma cultura dos meios de comunicação.

Para apreender as complexidades espaço-temporais do mundo contemporâneo, não basta apenas observar atentamente os meios de comunicação, mas também é necessário acoplar múltiplas perspectivas sociais e identitárias, tais como etnia, gênero, classe social, geração etc., pois estas perspectivas aproximam os fenômenos de suas especificidades locais e culturais. É em nível local que se travam, na atualidade, disputas midiáticas decisivas pela atenção e pela formação de consensos. Pensar a história das mídias aprofundando esses aspectos implica levar em conta as relações sociais com o meio ambiente e a ecologia, com a construção de saberes locais e comunitários (reconhecendo sua variedade epistêmica), a relação da sociedade com a natureza, o papel da memória social para as disputas identitárias e a invenção de imaginários. Essas questões trazem desafios historiográficos para a investigação da história das mídias, em cenários de disfunções climáticas cada vez mais extremas e de intensificação da comunicação em ambientes de mídia digital, que reposicionam continuamente a relação dos indivíduos com suas localidades e redes de convívio.

As possibilidades de manipulação da informação, crescentes com a popularização dos mecanismos de inteligência artificial e a “caixa preta” dos algoritmos controlados por conglomerados transnacionais, têm potencial para influir nas percepções de realidade dos diferentes agentes sociais (Cesarino, 2022). Até que ponto, por exemplo, os movimentos contemporâneos de negacionismo, como na ciência e na história, podem ser relacionados a esses contextos midiáticos? Se as mídias tendem a criar corpos abstratos, estereotipados e efêmeros, cabe analisar como o embate realizado no cotidiano das relações sociais, nas ruas e nas partilhas dos espaços públicos e privados – nas localidades, enfim – podem levar a novas camadas de ressignificação da vida social.

Neste sentido, esboçamos alguns tópicos que foram importantes para a elaboração deste dossiê, mas cujo objetivo é apontar caminhos possíveis para que esforços de pesquisa possam manter uma inspiração política no “local”, sem deixar de lado a natureza de deslocamento espaço-temporal que caracteriza os meios de comunicação. Mais uma vez, trata-se de caminhos que podem inspirar pesquisadores e não um programa a ser cumprido.

- **O local e a mídia:** problematizar as relações entre acontecimento e acontecimento midiático a partir dos deslocamentos espaço-temporais constitutivos da mídia; compreender as transformações espaço-temporais com o aparecimento e o estabelecimento de novas mídias em locais e situações específicas; correlações entre espaços sociais e espaços midiáticos, territórios e discursos midiáticos; historiografia de nacionalismos e regionalismos a partir da história midiática; histórias do aparecimento e estabelecimento de

padrões e estereótipos na mídia e suas relações com as particularidades do cotidiano local;

- **História e historiografia das mídias e dos discursos midiáticos:** relacionar transformações técnicas e estruturais nas mídias e sua relação com localidades e temporalidades específicas; exercícios historiográficos de mídias locais; tensões historiográficas diante do reconhecimento do conhecimento tradicional e suas formas de transmissão não escritas; história dos discursos específicos aos meios de comunicação; deslocamentos temporais e espaciais observados a partir da história da mídia e de seus discursos;
- **Arqueologia das mídias:** traçar relações entre desenvolvimento técnico-científico e dispositivos midiáticos específicos, considerando-se implicações territoriais e políticas; tecnodiversidade contemporânea;
- **Dimensões afetivas e identitárias no espaço-tempo midiático:** compreender de que maneiras relações afetivas e identitárias se apresentam e são representadas no discurso midiático ao longo de sua história; comunicação das emoções e afetos a partir de uma história da mídia; relacionar modificações midiáticas a transformações afetivas diversas nas relações cotidianas com a família, a comunidade, a amizade, a vizinhança etc.; autorrepresentação do corpo e da identidade na perspectiva de uma história da mídia;
- **Histórias de consumo e da recepção das mídias:** descrições de diferentes formas de apropriação e usos não programados de dispositivos midiáticos; diferenças geracionais nos usos e recepção das mídias; relações particulares entre migrações culturais e usos de dispositivos midiáticos ao longo da história;
- **Mídia, história e verdade:** história e historiografia da mídia / verdade; descrição de transformações midiáticas em relação ao estabelecimento de regimes de representação e verdade; crise de representação e mídia, história intelectual e anti-intelectualismo; processos de territorialização e desterritorialização observados a partir da história da mídia; verdades alternativas na história da mídia;
- **Poética e estética midiática em perspectiva histórica:** compreender as potencialidades expressivas e criativas, assim como o desenvolvimento de novas sensibilidades e afecções a partir da história dos dispositivos midiáticos; investigar relações entre transformações midiáticas e modificações na percepção espaço-temporal.

Apresentaremos um panorama dos artigos que compõem este dossiê, em diálogo com a proposta conceitual. Dois artigos que trabalham em diálogo mais direto com o campo da comunicação, promovendo uma espécie de autorreflexão, foram escolhidos para abrir o conjunto. Em primeiro lugar, **“O território das pesquisas em torno do binômio comunicação e territorialidades”**, de Ana Carolina Rocha Pessôa Temer, Flávia Mayer dos Santos Souza, Naiara Beje Souza do Nascimento e Rafael Paes Henriques, apresenta como o interesse no encontro entre comunicação e territorialidades

caracteriza o Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Espírito Santo, que adotou o binômio como área de concentração. Assim, as dissertações desenvolvidas no programa, cuja primeira turma ingressou em 2014, constituem material privilegiado para compreender a construção dessa intersecção. Interessa problematizar: que noções assinalam certo movimento dos estudos comunicacionais em direção aos dos territórios/territorialidades? O artigo se debruça sobre as vinte primeiras dissertações defendidas (2015-2017), com suporte da análise de conteúdo. Essa visada sinaliza a potência da articulação com as noções de espaço, territorialidades, território e lugar, e a abertura de outras perspectivas.

Dando sequência às reflexões mais amplas no campo da comunicação, temos **“História das mídias em redes e conexões: Em busca de novas interpretações”**, de Marialva Barbosa e Fátima Tomaz. O objetivo do artigo é mostrar que a formação de redes de pesquisa em torno dos estudos que envolvem as mídias, conectando comunicação e história, é um caminho possível para se pensar de maneira não hegemônica e não cristalizada os processos históricos regionais e locais. Posicionando a categoria do espaço como central para a reflexão histórica, as autoras apresentam como a formação de redes pode ser realizada sem deixar de pensar nos localismos, descrevendo possibilidades metodológicas utilizadas por redes de pesquisadores reunidos em sociedades científicas como a Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia - ALCAR, a Rede Latino-americana de História da Mídia - RELAHM e a Asociación de Historiadores de la Comunicación - AsHisCom. Além disso, apresentam os resultados de um estudo em rede realizado por dezenas de pesquisadores brasileiros e cuja publicação em livro se encontra resenhada no último texto que compõe este dossiê. É um artigo relevante, e mesmo incontornável, para se compreender a relação espaço-tempo nos estudos dos processos históricos e sua relação com o campo da Comunicação.

Em **“O curso, o carro, a avenida: o carnaval de Salvador pelas reportagens fotográficas da ‘Renascença’ nos anos de 1910 e 1920”**, Henrique Sena dos Santos é o flâneur, que percorre com o olhar as imagens publicadas na revista ilustrada (1916-1931), ao registrar o cotidiano das ruas da capital baiana, tomadas pelos primeiros automóveis a circular pela cidade. Símbolo da Modernidade, os veículos que desfilam nos cursos da burguesia branca em ascensão substituem os corpos negros dos entrudos e dos batuques. O espaço das ruas ganha, assim, ares civilizados, ordenados, que se contrapõem ao que era considerado descontrolado, bárbaro. Na sua forma de narrar, a imprensa flerta com as elites, e destaca, nas reportagens fotográficas, a Bahia idealizada pela República e pelo progresso, apagando do espaço urbano os traços da sua ancestralidade. O artigo nos permite perceber como os periódicos atuaram para a propagação de novos hábitos e relações da população com o espaço público, compactuando com projetos de higienização e embranquecimento, reiterando a ideia da experiência da cidade como texto, imagem e representação (Gomes, 1994).

Valdelice da Conceição Santos e Daniela Abreu Matos apresentam a cidade de São Félix, no Recôncavo Baiano, a 110km da capital Salvador, como a protagonista do artigo **“Reinados e lança-perfumes, 1925-1975: o carnaval de São Félix-BA pelas narrativas orais e jornalísticas”**. Pequena, com pouco mais de 11 mil habitantes, em

2022, a cidade poderia cair no esquecimento, mas ela nos é revelada com todo o seu encantamento. As autoras investigam os vestígios do passado, nas notícias veiculadas em dois jornais impressos, e também entrevistam três personagens, que rememoram as festas de Momo, seja nas ruas de São Félix, ou nos bailes dos clubes da cidade. A oralidade revela a potência da memória, como experiência. Neste caso, não importa a exatidão, mas a emoção. Os idosos relembram os Carnavais da infância e adolescência, em narrativas marcadas pelas reticências, pelos esquecimentos, mas plenas de sentido e envolvimento. Os dados secundários (os jornais impressos) são extraídos de 67 textos de edições do "Correio de São Félix", de 1934 a 1970, e dois textos de duas edições do jornal "A Vanguarda", de 1924 e 1925. A partir das narrativas de periódicos e das narrativas dos foliões sobre os carnavais saio-felistas se estabelece uma memória coletiva essencial para o processo de formação identitária do município.

Também como forma de pertencimento, em **"Futebol feminino, memória e ativismo local: "re(des)territorializando"** coberturas midiáticas de esporte em Cachoeira/BA como forma de (re)existência", Fellipe Moreira e Itânia Gomes defendem a positividade de um movimento de desterritorialização para compreender as potências das jogadoras femininas no Cachoeira Futebol Clube.

Recuperando em arquivos da imprensa relatos de um acontecimento climático extremo no século XIX, Daniel Macêdo aborda, em **"Entre retirantes e flagelados: palavras e significações dos sertanejos migrantes em testemunhos da seca de 1877 no Ceará" as migrações decorrentes de "catástrofes"**, como algo que constitui processo de urbanização moderna. Com olhar atento às variações semânticas no tratamento dos corpos migrantes, utilizando-se das ferramentas digitais no acesso a arquivos de natureza diversa, tais como relatos memorialísticos, notícias e fotografias, o autor apresenta uma visão multifacetada do processo migratório do "retirante e flagelado" que se caracteriza a partir de sua origem não urbana, o "sertanejo". Enfrentando a complexidade espaço-temporal a partir do "sertão" e do momento histórico que antecede a Abolição, o pesquisador contribui para a construção de uma historicidade localizada e particularizada.

Na contracorrente do processo de desterritorialização promovido pelas plataformas digitais, em **"Demandas feministas em portais online no Pará: uma análise da presença de temas e fontes na comunicação regional"**, Rayza Sarmento e Adriany Vanessa S. da Silva de Lima apontam, em uma pesquisa "quali-quantitativa", a força do ativismo identitário para ressignificar dois portais de notícias. No mesmo sentido, buscando compreender a mídia como lugar estratégico para a perspectiva da educomunicação, em **"Etnomídias indígenas: Rádio Yandê e Mídia Indígena"**, de Cláudio Henrique Vieira, lemos a análise de duas iniciativas que promovem uma afirmação identitária contracolonial a partir dos coletivos de povos originários que ocupam espaços midiáticos e promovem um educação intercultural.

Adotando uma perspectiva da "sociologia de gênero", Amanda Diniz Ferreira apresenta em **"A propagação do discurso do sexo: o papel do jornal Estado de Minas na difusão de estereótipos de gênero entre as décadas de 1930 e 1980"** uma análise da pouca variação de estereótipos masculinos e femininos cristalizados pela

publicidade impressa ao longo do século XX. Já o artigo de Karen B. Santarém Rodrigues e Renata Rezende Ribeiro, **“Corpos Midiáticos: Um breve percurso cartográfico sobre os padrões estéticos de jornalistas da TV aberta brasileira”**, analisou 227 jornalistas de 19 telejornais de alcance nacional, pertencentes a sete emissoras da TV aberta brasileira, para interpretar que corpo midiático é este que (não) representa a diversidade brasileira. As autoras percebem que as características eurocêntricas ainda predominam entre os profissionais. Mulheres e homens brancos, magros, heterossexuais e, no máximo, de meia-idade são maioria no vídeo, ao contrário da população do país, marcada pela diversidade. O padrão de qualidade televisivo exclui os corpos desviantes e grotescos do espaço dos telejornais, reservando-os para os programas de auditório. A máquina de Narciso (Sodré, 2021) evidencia como o controle sobre os corpos é inseparável do momento atual do capitalismo, capaz de moldar desejos e medos humanos, em escala acelerada e globalizante. Acompanhado de gráficos e tabelas, o texto desnuda preconceitos estruturais, que revelam o país patriarcal, machista e racista, que se insinua entre nós.

Lucas Santos Carmo Cabral e Gabriela Bregolin Grillo, autores de **“O local do jornalismo em Florianópolis (SC): Direcionamentos de um survey para encontrar um lugar para o jornalismo”**, realizam uma sondagem de audiência buscando compreender, a partir de um estudo de recepção, os interesses e as demandas em relação ao noticiário local, sendo a relação entre o que se identifica com uma realidade específica e compartilhada o que torna possível um comum dentre os habitantes da cidade.

Ao realizar uma análise formal do telejornalismo vespertino através da observação direta, a leitura do artigo **“Reconfigurações do Telejornalismo regional: valorização das pautas populares, VT desconstruído e precarização da atividade jornalística”**, de Cintia Xavier e Manoel Moabis Pereira dos Anjos, nos direciona tanto para a importância das pautas locais como para as modificações da linguagem do telejornal.

Em **“História do Jornalismo no Rio Grande do Norte: O Natalense, O primeiro jornal”**, somos apresentados a uma história que se repete em diferentes localidades nas primeiras décadas do século XIX, quando, após a liberação da imprensa com a chegada da família real portuguesa, diversos periódicos surgiram por todo o território do então Império do Brasil, sendo muitos deles ainda desconhecidos. Cumpre dizer que os acervos em hemerotecas digitais facilitam esta pesquisa que aparece como um grande campo arqueológico. Dessa forma, pesquisas descritivas neste campo são importantes para que as práticas jornalísticas atuais possam ser melhor compreendidas.

No penúltimo artigo do dossiê, Frederico de Mello Brandão Tavares discorre sobre a vitalidade da **“Imprensa de papel, esse vivo objeto”**, ao analisar o conjunto de quatro coletâneas editadas a partir de um programa de pesquisa, desenvolvido junto à Universidade Nacional de La Plata, na Argentina, de 2013 a 2023, reunindo pesquisadores da Argentina, México, Chile e Brasil, além de investigadores europeus. Nas duas primeiras obras, livros, revistas, jornais, folhetos, suplementos e semanários são ressignificados: mais do que simples repositórios de imagens e textos, eles dão materialidade ao projeto civilizatório Moderno. Para serem devidamente estudados, precisam ser

disponibilizados à consulta pública. Assim, a terceira obra do programa de pesquisa vai discutir os repositórios hemerográficos digitais. Finalmente, o quarto e último livro lança olhares sobre a produção impressa, em especial da Argentina, contextualizando-a historicamente, e revelando os diálogos que estabelece com outros países. A tessitura do papel parece, assim, dar forma a esta grande “comunidade imaginada” da América Latina (Anderson, 1989). Percebemos no trabalho a potência da pesquisa efetuada através das redes de investigação, capazes de descortinar semelhanças e diferenças que constituem o grande mosaico das identidades do continente.

Finalmente, na resenha que fecha o dossiê, **“A força do heterogêneo”**, Elton Antunes empreende uma leitura crítica e panorâmica de “História da Imprensa no Brasil do século XIX”, obra coletiva que conta com a participação de algumas dezenas de pesquisadores, organizada por Marialva Barbosa, Ana Paula Goulart Ribeiro e Antonio Hohlfeldt.

Além dos textos do Dossiê, completam a 24ª edição da Dispositiva cinco artigos de Tema Livre. **“Não é só futebol: os casos racistas envolvendo o jogador Vini Jr.”**, de Aline da Fonseca Pinna, reflete sobre as problemáticas do racismo no ambiente do futebol. Ainda nas discussões sobre Comunicação e Esporte, **“Entre medalhas e invisibilidade: a discreta cobertura do judô feita pelo site do Globo Esporte”**, de Eduardo Ritter, problematiza as escassas matérias publicadas sobre o esporte no mês de março de 2024, ano em que ocorreram os Jogos Olímpicos de Paris.

O artigo **“Da adesão à rejeição: Interações no Instagram a partir de conteúdos jornalísticos transmídia”**, de autoria de Marcos Carvalho Macedo, busca identificar as respostas dos usuários do Instagram às estratégias transmídia promovidas através do perfil do Programa Fantástico, da Rede Globo de Televisão, em reportagens audiovisuais desdobradas em podcasts. Márcia Rodrigues Costa e Ana Paula Dessupoio assinam **“Imagens de Pagu: Autobiografia e retrato, narrativas e memória na construção sobre a jornalista”**, texto que verifica os entrelaçamentos e discordâncias entre a memória construída por Patrícia Galvão, Pagu, em cartas e as memórias criadas sobre ela em registros fotográficos. Em **“A paisagem do pornô mainstream online: narrativas e identidades”**, Gabriela Bercht analisa, com base nos referenciais dos estudos culturais e feministas, as narrativas, as identidades e os operadores perceptivos que são colocados em jogo e se tornam hegemônicos nas representações pornográficas disponíveis on-line.

Esta edição foi produzida com recursos do Edital 005/2022 – Apoio a ações de divulgação da ciência, da tecnologia e da inovação da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig), Processo APQ 02807-22, do Projeto “Da comunicação à divulgação científica: plataformas de mídias sociais para popularização do conhecimento científico publicado na revista Dispositiva”. Contou, ainda, com recursos do edital 008/2023 – Programa de Apoio a Publicações Científicas e Tecnológicas, Projeto APQ 04928-23, intitulado “Aperfeiçoamento editorial e novas práticas de edição e divulgação da revista Dispositiva”.

Boa leitura!

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **Meios sem fim**. Notas sobre a política. Belo Horizonte: Autêntica, 2015 [1996].
- ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas**. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008 [1983].
- AUSTIN, J. L. **How to do things with words**. Cambridge, Massachussets: Harvard University Press, 1962.
- BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética**. A teoria do Romance. São Paulo: UNESP, 1998 [1937].
- BARBOSA, Marialva Carlos. Comunicação, história e memória. Revista **Matrizes**, v.13, n.1, p. 13-25, jan./abr. 2019.
- CARDOSO, R. (Org.) **O design brasileiro, antes do design**. Aspectos da história gráfica (1870-1960). São Paulo, Cosac Naify, 2005.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994 (2v.).
- CESARINO, L. **O mundo do avesso**. Verdade e política no mundo digital. São Paulo: Ubu, 2022.
- COSTA, Camila. Teoria da relatividade: como o eclipse solar no Ceará há 100 anos transformou Einstein em celebridade mundial. **BBC News Brasil**, 24 de maio de 2019. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48296017?xtor=AL-%5B73%5D-%5Bpartner%5D-%5Bmicrosoft%5D-%5Bblink%5D-%5Bbrazil%5D-%5Bbizdev%5D-%5Bisapi%5D>. Consultado em 9 de dezembro de 2024.
- CRARY, J. **Técnicas do observador**. Visão e modernidade no século XIX. Rio de Janeiro: Contraponto, Ed PUC-Rio, 2017.
- COULDRY, N. & HEPP, A. **The mediated construction of reality**. Cambridge, UK, Maiden, MA: Polity Press, 2017.
- DEWEY, J. **Art as experience**. New York: Penguin, 2005 [1934].
- FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial**. Pensar a partir do mundo caribenho, São Paulo: UBU Editora, 2022.
- FONSECA, G. et al. (Orgs.) **Temporalidades e espacialidades nos processos comunicacionais**. Belo Horizonte: SeloPPGCom/UFMG, 2023. Disponível em <https://seloppgcomufmg.com.br>.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. Uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2002 [1966].

FREYRE, Gilberto. **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX**. Recife: Imprensa Universitária, 1963.

GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade**: literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

GUMBRECHT, H. U. Em 1926. **Vivendo no limite do tempo**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

HUI, Y. **Tecnodiversidade**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

INNIS, Harold. O viés da comunicação. Petrópolis: Vozes, 2011 [1951].

KITTLER, F. A. **Gramofone Filme Typewriter**. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Ed. UFMG, Ed. Uerj, 2019 [1986].

KRENAK, A. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LISSOVSKY, M. **O sumiço da senzala**. Tropos da raça na fotografia brasileira. Devires. Belo Horizonte, V. 13, n. 1, p. 34-65, 2016.

MARTÍN-BARBERO, J. **De los medios a las mediaciones**. Comunicación, cultura y hegemonía. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.

ORTIZ, F. **Contrapunteo cubano del tabaco y del azúcar**. Madrid: Cátedra, 2002 [1940].

RAMA, Ángel. **Transculturación narrativa en América Latina**. Buenos Aires: Ediciones El Adariego, 2008.

RORTY, Richard. **The linguistic turn**. Recent essays in Philosophical Method. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1967.

RIZZINI, Carlos. **O jornalismo antes da tipografia**. São Paulo, Companhia Editora Nacional: 1968.

SANTIAGO, S. **O cosmopolitismo do pobre**. Crítica literária e crítica cultural. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

SODRÉ, Muniz. **A máquina de Narciso**: televisão, indivíduo e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X, 2021.